

Fernando Molica

A esquerda que abandonou a esquerda

A maior derrota da esquerda neste outubro não foi eleitoral, mas política: para ter chances de vitória, muitos de seus candidatos tiveram que abrir mão de posições históricas, desistiram de lutar pelo que defendem — na prática, deixaram de ser de esquerda.

Isso ficou mais evidente no campo do comportamento, em pautas como descriminalização do aborto e de drogas, mas também em questões econômicas, como um sim acrílico à pregação de um projeto ilusório de empreendedorismo simbolizado por Pablo Marçal — um sujeito que enriqueceu com a venda de falsas esperanças, o único produto que tem em sua prateleira.

Não há espaço nem mercado para que milhões de pessoas sigam o exemplo dele: haveria muitos ilusionistas oferecendo fórmulas mágicas de sucesso e poucos otários disponíveis para comprá-las.

Todo mundo tem o direito de tentar montar o próprio negócio, mas a ênfase no faça você mesmo comete a covardia de jogar no pobre a culpa por ser pobre. Como se a responsabilidade não fosse principalmente

do Estado e da sociedade que negam à maioria dos cidadãos condições objetivas — educação, transporte, atendimento médico — para a construção de uma vida melhor.

Uma pobreza hereditária como a nossa está estruturada no modelo de país. Na nossa situação, o grito de “Pare de reclamar e empreenda!” é quase um sinônimo do “Se vira aí, mané”. Os meritocratas gostam muito de comparar corredores bem alimentados e calçados com sapatilhas de corrida com famintos que entram descalços na pista.

A ascensão da extremismo bolsonarista foi decisiva no processo de endireitização da esquerda. O avanço e a aceitação popular de pautas radicais, muitas delas baseadas em medos e mentiras como a história do kit gay, reduziram o ânimo da esquerda de fazer o básico de uma luta política: contestar, argumentar, tentar mudar posições.

A sociedade brasileira engoliu uma reforma previdenciária que preserva privilégios de militares e de instituições privadas que se apresentam como não tendo fins lucrativos, comprou

a versão empresarial e aceitou a redução de seus direitos trabalhistas. A esquerda berrou quando era oposição; voltou ao governo e tratou de não mexer nesses vespeiros.

É preciso reconhecer que Jair Bolsonaro nunca mudou suas pregações, soube nadar contra a corrente ao defender a tortura, a ditadura militar e a violência policial, ao zombar de pautas básicas dos direitos humanos. Uma agenda que acabaria embrulhada para presente por Olavo de Carvalho e transformada em farol por milhões de pessoas.

Diferentemente do que fez Bolsonaro, a esquerda demonstra não suportar o peso da oposição às suas próprias teses. Ao abrir mão da descriminalização de drogas, colabora para manter o preconceito e o encarceramento de jovens pobres, a grande maioria presa sem portar armas.

Ao abandonar o tema da descriminalização do aborto, a esquerda colabora para a manutenção de uma hipocrisia: a sociedade brasileira admite a interrupção da gravidez em qualquer caso, desde que seja na clandestinidade. Em 2021,

150 mil mulheres foram internadas no Brasil para tratar consequências de abortos, quase todos ilegais. Mas, no mesmo ano, houve abertura de apenas 333 processos para apurar o que é considerado crime.

Ou seja, quase todos os que souberam de casos de aborto ilegal — feitos por amigas, filhas, primas, sobrinhas — não deram queixa na polícia; na prática, não consideraram que elas tenham cometido um crime. É bem provável que teriam outra atitude se soubessem que uma delas tivesse praticado um homicídio.

Dá trabalho explicar, vencer, lutar contra preconceitos, mas é necessário: isso é política, caramba. Ao deixar de tratar embates necessários, candidatos de esquerda abriram caminho para a eleição de oportunistas que se valem do discurso em defesa da família — de um modo geral, a própria família —, negaram o que pensam e demonstraram rendição ao que dizem contestar. As urnas demonstraram que o eleitor prefere uma direita que diz seu nome a uma esquerda que finge ser o que não é.

OUTRAS PÁGINAS NO BRASIL E NO MUNDO

José Aparecido Miguel (*)

‘Precisamos odiar os ultraprocessados para deixar de comê-los’, diz autor de best-seller sobre alimentos

1- DISPUTA INTERNA NO PT. Derrotas nas eleições precipitam disputa interna pelo comando do PT. Gleisi chama de legítima candidatura do Nordeste, enquanto ministros de Lula querem Edinho na vaga. Por Catia Seabra e Victoria Azevedo. A briga pela condução do partido é travada dentro da força política liderada por Lula, a CNB (Construindo um Novo Brasil). O presidente atua para deter a implosão da tendência em meio à troca de acusações de seus integrantes. Enquanto uma ala da CNB prega a renovação da direção do partido — tendo à frente o prefeito de Araraquara, Edinho Silva —, outra responsabiliza ministros de Lula pelo resultado do PT nas urnas. À frente do partido, Gleisi tem feito críticas à política econômica conduzida por Fernando Haddad (Fazenda), apontado como um nome para a sucessão de Lula caso o presidente não busque a reeleição. As críticas de Gleisi a teriam afastado do núcleo do governo. (...) (Folha de S. Paulo)

2- PRECISAMOS ODIAR OS ULTRAPROCESSADOS para deixar de comê-los, diz autor de best-seller sobre a indústria de alimentos. Por André Biernath. O médico e escritor Chris van Tulleken defende que, em prol da saúde pública, alimentos ultraprocessados recebam o mesmo tratamento dado aos cigarros. Infectologista do Hospital de Doenças Tropicais

de Londres, professor da Universidade College London, no Reino Unido, e apresentador de alguns programas na BBC, ele também é autor do livro Gente Ultraprocessada - Por que Comemos Coisas que Não São Comida, e Por Que Não Conseguimos Parar de Comê-las (Editora Elefante). A obra virou best-seller (termo usado para descrever um livro que alcançou elevado sucesso comercial), ganhou prêmios e foi recentemente traduzida e lançada em português. Mas as conexões do trabalho de van Tulleken com o Brasil são bem mais antigas. Isso porque o conceito de ultraprocessados foi desenvolvido pela equipe liderada pelo epidemiologista brasileiro Carlos Monteiro, professor da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (USP) — que, inclusive, assina o prefácio do novo livro. O médico britânico confessa que duvidou do conceito de ultraprocessados de início e achava que os malefícios apontados nos estudos estavam relacionados apenas aos excessos de gordura, açúcar e sal presentes em muitos desses produtos. Em entrevista à BBC News Brasil, van Tulleken sugere que países e governos tomem ações mais contundentes para diminuir o consumo de ultraprocessados entre a população. BBC News Brasil - Depois desses anos de pesquisa, na sua opinião, qual a forma mais simples de explicar o que é um ultraprocessado? Van Tulleken - Se você pegar um alimento e precisar

ler a lista de ingredientes, provavelmente estará diante de um ultraprocessado. E, se nessa lista, aparecem ingredientes que você não encontra em qualquer cozinha ou despensa, definitivamente está diante de um ultraprocessado. Há algumas exceções. A Nestlé, por exemplo, fabrica um cereal de trigo que não é tecnicamente um ultraprocessado. Mas a maioria dos produtos que garantem dinheiro para Nestlé, Danone, Pepsico, Kraft Heinz, Coca-Cola, Mondelez e outras dessas empresas são ultraprocessados. BBC News Brasil - No livro, você faz comparações entre a indústria alimentícia e a indústria do tabaco, e também entre ultraprocessados e cigarros. Van Tulleken - Bem, essas indústrias não são apenas semelhantes. Elas são a mesma coisa. Em meados dos anos 1980, uma das maiores companhias de cigarro do mundo, a RJ Reynolds, comprou a Nabisco, uma enorme empresa alimentícia. Nessa mesma época, a Philip Morris [indústria tabagista] comprou a General Foods [de alimentos]. Falamos, então, dos mesmos conglomerados [embora essas empresas tenham sido desmembradas e mudado de mãos nas décadas seguintes]. BBC News Brasil - Mas existe algum lugar do mundo em que essa regulamentação sobre os produtos ultraprocessados funciona? Na sua visão, quais seriam as maneiras de mudar esse sistema? Van Tulleken - Chile, México e Argentina têm políticas públicas

muito boas neste sentido. O Brasil também está desenvolvendo coisas interessantes. Precisamos de um sistema de alerta nas embalagens que seja maior que as logomarcas das empresas ou dos produtos. Temos departamentos de pesquisa e cientistas sempre citados pela imprensa que recebem verbas de Pepsico, Mars e Nestlé. (...) (BBC News Brasil). A nutricionista Kayla Daniels, fundadora da Kayla's Nutrition, elaborou uma lista com nove alimentos ultraprocessados que muitas vezes não imaginamos que sejam prejudiciais à saúde: Iogurtes proteicos. Leite vegetal. Barras de proteínas. Shakes substitutos de refeição. Barras de granola. Pão de forma. Macarrão instantâneo. Salsichas. Refrigerantes dietéticos. (...) (R7)

3-BARRAGEM DE MARIANA. Acordo com empresas vai distribuir R\$ 40 bilhões aos atingidos pela barragem de Mariana. Barragem, da empresa Samarco, se rompeu em novembro de 2015, deixando 19 mortos e rastro de destruição ambiental e econômica. Por Delis Ortiz, TV Globo. Ao todo, 49 municípios foram atingidos, direta ou indiretamente. (...) (g1)

(*) José Aparecido Miguel, jornalista, diretor da Mais Comunicação-SP, trabalhou em todos os grandes jornais brasileiro e em todas as mídias. E-mail: jmiguejlb@gmail.com

EDITORIAL

A certeza geral da impunidade

Uma recente onda de violência envolvendo torcedores de futebol tem alarmado o público e destacou uma questão essencial: o problema não é o futebol em si, mas sim a falta de punições efetivas contra quem usa o esporte como pretexto para praticar crimes. Casos de agressões como os ocorridos no Rio de Janeiro, com torcedores do Peñarol atacando banhistas e trabalhadores, e o trágico confronto entre membros das torcidas organizadas Mancha Verde, do Palmeiras, e Máfia Azul, do Cruzeiro, que deixaram uma vítima fatal, evidenciam um quadro de impunidade e irresponsabilidade social que ameaça as bases do que o futebol deveria representar.

É preciso entender que o futebol é, antes de tudo, uma vítima. Ele é explorado por indivíduos violentos que se escondem em seus núcleos e bandeiras para causar agressões gratuitas, sem qualquer ligação com a paixão pelo esporte. Assim, punir clubes ou restringir a presença de torcedores nos estádios apenas desloca o problema para fora do ambiente futebolístico.

No entanto, é importante reconhecer que a impunidade não é um problema exclusivo

do futebol. Ela é uma certeza geral na sociedade brasileira para quem está disposto a cometer crimes. A falta de responsabilização e a leniência do sistema judicial criam um ambiente propício para a violência e a criminalidade.

A impunidade se manifesta em todos os níveis da sociedade, desde crimes comuns até corrupção e crimes de colarinho branco. Isso gera uma sensação de desamparo e indignação entre os cidadãos, que sentem que o sistema não protege os inocentes nem puni os culpados.

O que se deve combater é a impunidade sobre o CPF daqueles que praticam esses atos criminosos. Cada agressor deve responder individualmente pelos seus atos, com avaliações que vão desde multas até prisão e, se necessário, restrições severas de acesso a eventos esportivos.

É fundamental que as autoridades adotem medidas preventivas, como melhorar a segurança nos estádios e arredores, fortalecer a cooperação entre forças de segurança e clubes, implementar programas de educação e conscientização sobre violência e respeito, e promover ações de inclusão social e combate à exclusão.

América no centro do mundo novamente

Novembro vem com o furacão eleitoral norte-americano. Passadas as comemorações do Dia das Bruxas, resta saber qual será a celebração de cada partido, depois de comer muitos doces. Ou melhor, quem vai saborear o melhor doce.

Donald Trump e Kamala Harris brigam voto por voto em estados considerados pen-dulos: Arizona, Geórgia, Nevada, Carolina do Norte, Michigan, Pensilvânia e Wisconsin. Destes, três são cruciais, por estarem na região dos lagos — os últimos — pela indústria. Geórgia e Carolina do Norte tendem mais para os Republicanos, enquanto Arizona e Nevada para os Democratas. Por isso, não são tão cobiçados quantos os outros, que vão trocando de cor a cada eleição.

Só tivemos um debate entre os dois e Kamala foi mais enfática que Trump. Resta saber se essa ferocidade toda será trans-

mitida em votos. Dezoito milhões de pessoas já declararam seu presidente antecipadamente pelos correios.

Mais do que o lema de Trump, “Fazer a América Grande Novamente” ou a continuidade do que os Democratas vêm fazendo depois de quatro anos do trumpismo, o mundo está de olho em como serão os EUA, mais uma vez, após outra turbulenta eleição. Coincidentemente, desde que Trump foi alçado como a estrela Republicana, todos os pleitos foram acirrados. Ele pode ter feito um bom governo, mas tem uma dialética feroz e implicante com os adversários. Dos três Democratas, Kamala foi quem mais o enfrentou com sagacidade, pois Biden e Hillary não foram tão espertos quanto a jurista.

No dia 5 de novembro, o mundo vai saber quem será o novo presidente dos Estados Unidos da América.

Opinião do leitor

Municípios

Dos mais de 5 municípios brasileiros, mais ou menos 60 tiveram segundo turno. Das duas uma: ou muitas cidades já sacramentaram logo a disputa no primeiro turno ou o país tem muitas cidades com menos de 100 mil habitantes. Acho que está na hora do IBGE rever a formação dos municípios.

Alberto Lacramón Verdugo
São Paulo - São Paulo

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA



HÁ 95 ANOS: EUA INQUIETO COM A SITUAÇÃO DA BOLSA DE NY

As principais notícias do Correio da Manhã em 25 de outubro de 1929 foram: Congresso dos EUA recebe pedidos de abertura de in-

quérito sobre a situação da Bolsa de Valores de Nova York. Príncipe herdeiro da Itália é alvejado a tiros em Bruxelas, mas sai ileso do ataque.

Grupo socialista da França não está unido sobre a participação ou não da equipe ministerial. Cheia no Uruguai afeta fronteira com o Brasil.

HÁ 75 ANOS: NACIONALISTAS CHINESES MIGRAM PARA ILHA FORMOSA

As principais notícias do Correio da Manhã em 25 de outubro de 1949 foram: Inglaterra afirma que URSS violou tratado de Potsdam

com a Alemanha Oriental. René Mayer é designado pelo Congresso francês para montar uma equipe ministerial. Governo nacionalista

da China migra para a Ilha Formosa. Câmara aprova o reajuste dos débitos dos pecuaristas. Congresso faz homenagem a Ruy Barbosa.

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929)
Paulo Bittencourt (1929-1963)
Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Direção Executiva: Marcos Salles (Presidente)
comercial.grupocorreiodamanha@gmail.com

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)
redacao@jornalcorreiodamanha.com.br
Redação: Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, e Rafael Lima
Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação)
Leo Delfino (Editor)

Telefones (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872
Whatsapp: (21) 97948-0452
Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Melo Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ - CEP: 22775-057
Brasília: ST SIBS Quadra 2 conjunto B Lt 10 - Núcleo Bandeirantes -
Brasília - DF - CEP: 71.736-20
www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.